



O CRIME DE ALDEIA VELHA

Bernardo Santareno

BERNARDO SANTARENO



O CRIME DE ALDEIA VELHA

PEÇA EM 3 ACTOS

EDIÇÕES ÁTICA
LISBOA

«**MARCO DE CANAVEZES, 23** — Hoje, como ontem, o acontecimento do dia nesta região é o julgamento que se está realizando, em Tribunal colectivo, dos autôres do hediondo crime da queimada-viva de Soalhães. Algumas testemunhas de acusação que ontem depuzeram declararam que os réus não cometeram o crime porque quizessem mal à desgraçada vítima — a Arminda de Jesus — de quem, aliás, todos eles eram muito amigos! Espancaram-na e depois lançaram-na ao fogo para a livrarem do demónio, — nada mais, — e convencidos de que, apóz a queima, a pobre mulher podia ressuscitar!!! Assim lhes foi aconselhado pela doida Joaquina de Jesus, a quem os mesmos réus consideravam santa e isso mesmo viram ou entenderam vêr descrito no livro de São Cipriano...»

(Notícia publicada em «O PRIMEIRO DE JANEIRO»
de 24/5/1934.)

PERSONAGENS

JOANA	25 anos
PADRE JÚLIO	25 >
FLORINDA	50 >
ZEFA	70 >
RITA	60 >
CUSTÓDIA	50 >
TERESA	25 >
MARGARIDA	20 >
MARIA DA CRUZ	55 >
GLORINHAS	7 >
PADRE CLAUDIO	65 >
ANTÓNIO	26 >
RUI	28 >

MULHERES — HOMENS — POVO

REGIÃO MONTANHOSA DO DOURO OU DA BEIRA

ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

CENARIO: A residência paroquial de Aldeia Velha. Uma sala espaçosa do primeiro andar: ao fundo, uma varanda que dá para a praça principal do lugarejo; à direita, a porta que comunica com a escada da rua; à esquerda, uma porta interior.

Sente-se (o som dos sinos, etc.) que a igreja fica logo ao lado.

Ao subir o pano, Florinda e Rita, ambas domingueiramente vestidas de preto, giram à volta duma mesa grande e central, posta com desabuso festivo: vigiam, compõem, enchem-na com mais doces que vão buscar a uma arca velha e enorme. Custódia e Margarida debruçadas na varanda. Zefa, sentada numa cadeirinha baixa, passa as contas do rosário.

Lá fora, ruídos do povo. Dois foguetes.

É Verão.

CENA I

CUSTÓDIA

(*A olhar para fora.*) Ih, Jesus! que mar de povo!... Olha, olha ali, o ti'João Silvestre... Ti'João! Eh, ti'João!! (*Saúda, com exuberância de gestos.*)

MARGARIDA

Muito tarda o tal carro, Santo Nome de Deus! (*Para dentro:*) Ah, ti'Florinda, ainda falta muito?...

FLORINDA

Isso sim, Margarida: está aí a rebentar... (*Pausa. Suspendendo o trabalho:*) Credo! queira Deus que não tenha havido algum desastre...?

RITA

(*Vendo as horas, num velho relógio de parede.*) Ó mulher, não sejas assim: não futures sempre mal... Está certo este relógio?

FLORINDA

(*Ternura.*) Ai, Rita, o meu Júlio!... (*choraminga.*)

O CRIME DE ALDEIA VELHA

RITA

(*Sempre a olhar para o relógio.*) Pois se está certo... Bom, a camioneta da carreira deve ter chegado a Rio Claro, aí pelas... Ora, há coisa de meia hora, nem tanto!: Estão a ver que, lá de baixo até cá a riba, mesmo com carro de parelha, a corrida inda é bem suadinha... (*Mudança rápida:*) Ah, ti'Zefa, não durma!

ZEFA

(*Sonolenta.*) Estou a rezar...

FLORINDA

(*Embevecida; comoção.*) O meu Júlio, ti'Zefa, o meu rapaz!... Ai, que se o meu homem ainda fosse vivo...

CUSTÓDIA

(*Para fora.*) Adeus, Cremilda! Viva, ti'Sardo!...

ZEFA

Não há maior senhoria, neste mundo: o teu filho, Florinda, tem o lugar mais alto que um homem pode ter: Padre, ministro de Deus! O mais alto, fica sabendo: mais que fidalgo, mais que doutor!...

FLORINDA

(*Choro.*) Ai, ti'Zefa, tanta... tanta fominha que eu passei p'r'o criar!...

ACTO I, CENA I

MARGARIDA

(Apontando para a rua.) Ah, minha mãe, está a ver?...
(puxa violentamente o braço de Custódia.)

CUSTÓDIA

(Desequilibrando-se.) Eh, rapariga, andas variada
dessa cabeça?! Por um triz, não me alagas... Ver o quê?!

MARGARIDA

Olhe, olhe ali: o senhor Rui!... (Para dentro, com malícia:) Onde é que pára a Joana?...

RITA

(Seca.) Aproveita-o pra ti, Margarida! Já não te sobra o tempo...

MARGARIDA

Não é a mim que ele quer, ti'Rita: (troça:) Levantou os olhos pra boniteza de mais prego!... (riso. Volta a debruçar-se, fazendo gestos para fora.)

RITA

(Resmungona; sempre cuidando da mesa.) O que a ti te faz falar é... Língua de coruja!

O CRIME DE ALDEIA VELHA

ZEFA

(*Para Florinda.*) Quem havia de pensar... Isto, o destino de cada um, a Deus pertence: é bem certo! Que ele, o teu Júlio, já em pequeno... assim, desta altura — parece que foi ontem, Florinda! — já então, rapazinho, era diferente dos outros: mais sério, mais atulhadinho de juízo... ai, rico menino!

FLORINDA

(*Que se senta; a limpar as lágrimas, o lenço da cabeça caído nos ombros.*) Coisinha melhor, ti'Zefa!: Olhe que eu não tenho deste filho a mais pequena queixa, nem assim... (*mostra a ponta da unha.*) Mas Deus escreve direito por linhas tortas... olá se escreve!: O meu Augusto, que o Senhor guarde em descanso, morreu quando o menino tinha só quatro anos... Vossemecê lembra-se, ti'Zefa? Esmigalhadinho debaixo do carro de bois, mesmo ali à beira do moinho!... Ai, o que eu tenho esgaravatado, pra criar o meu Júlio!: Só Deus sabe. Quantas vezes — tomara moedas de dez tostões! — eu tirei da minha boca pra... Mas, pronto! não quero lembrar-me mais desses tempos: o que é certo, é que o meu rapaz fez a escola, tirou a quarta classe. Era uma coisa assim... era um palpite, ti'Zefa: eu sentia, cá por dentro, que o destino do meu filho o puxava p'r'os estudos!... Bem falta me fazia o ganhozinho dele, mas...

(*Ouve-se uma banda de música. Foguetes.*)

MARGARIDA

É o carro... é ele!

ACTO I, CENA I

CUSTÓDIA

(A chamar.) Florinda! Anda cá ver, Florinda!...

(Correm todas para a janela, excepto Zefa: ansiosas, debruçadas, aos gritos.)

CENA II

Entra Joana, pela porta interior, trazendo um tabuleiro de bolos: silenciosa, serena; donaire natural. Deposita os doces sobre a arca e, lentamente, aproxima-se da janela: em bicos dos pés, procura ver para fora. Depois, sempre calada, sai pela mesma porta. Zefa passa as contas.

CENA III

RITA

(Que vem para dentro.) Ainda não é desta... *(volta à tarefa anterior. Parou a música.)*

ZEFA

Não era o Júlio?

FLORINDA

Não, senhora: foi o carro do ti'Ambrósio, que passou. Credo, Virgem Santíssima! uma demora destas... Ai, que se calhar aconteceu coisa ruim!...

CUSTÓDIA

Deixa-te disso, mulher: não tarda aí! *(Grande riso comovido:)* Ah, Florinda! ah, Florindazinha! amiga da minha alma, dá-me cá um abraço! *(abraçam-se.)* Grande dia, grande dia este! *(Lágrimas:)* Então não querem ver? Estou mortinha por mirar o diabo do rapaz... *(emendando:)* salvo seja, que o teu Júlio agora é um senhor padre, e peca quem o tratar assim... *(estreitando mais o abraço:)* Isto é uma honra p'r'Aldeia Velha! uma grande honra!!

FLORINDA

(Sempre lacrimojante.) Ainda agora estava a contar, aqui à ti'Zefa, o que eu passei pra... Jesus! Jesus Senhor!!

O CRIME DE ALDEIA VELHA

CUSTÓDIA

Pois Deus pagou-te bem os sacrifícios, mulher: abençoada semente que tal seara deu!

RITA

Há mais de vinte anos, que não vive abade em Aldeia Velha...

ZEFA

Pois que venha em boa hora: bem preciso cá é! Esta gentinha nova... ai, esta mocidade de hoje!: são piores que bichos...

RITA

Credo, ti'Zefa! até corta o coração ver estas raparigas: desmazeladas, calonas, sem raça de vergonha... Ih, Santo Deus, onde é que a gente vamos parar?! Vocês viram? repararam na Guilhermina? (*Aponta para a rua:*) Ali em baixo, à frente de todos, aos beijos ao namorado... Coisa assim!: nem que fossem casados e recebidos... Muito pulso terá que ter o teu Júlio, Florinda, pra pôr freio a isto tudo!

CUSTÓDIA

E olha que os homens...

RITA

Ora, ora! os homens são outra coisa: são machos... Toda a vida assim foi: acham a terra macia e pronto! botam logo a semente... Sempre assim foi. Mas elas! elas é que...

ACTO I, CENA III

CUSTÓDIA

Bem te entendo, coração!: falas desse jeito, porque só tens filhos...

RITA

(*Benzendo-se: exagerada.*) E ainda bem, Custódia, ainda bem! (*Com os olhos em alvo:*) Graças te dou em cada momento, meu Senhor Jesus! Mulheres, raparigas... hoje? Cabecinhas de rola tonta, gado sujo...

CUSTÓDIA

(*Picada.*) Isso agora?! Tem tento nessa linguinha: olha que há o trigo e há o joio, anh!?...

CENA IV

Entra Joana: traz um grande jarro com vinho.

RITA

(Em resposta a Custódia: sonsa, a olhar de soslaio Margarida; esta, sempre à janela.) Tens razão, tens razão! mas... oh, os maus exemplos são como as bexigas: pegam-se num ai! Raparigas? ora, raparigas!: ervas ruins, ervas ruins...

JOANA

(Taciturna; batendo com o jarro na mesa.) Boto isto aqui, ti'Florinda?

FLORINDA

Bota, bota aí: está bem, Joana. Olha, passa aqueles bolos pra riba da mesa... *(indica a arca.)*

ZEFA

Jesus! nem que fosse boda de morgado...

FLORINDA

Pois vossemecê cuida que é demais? Não chega, ti'Zefa, fique sabendo que não chega: Daqui a pouco, entra-me por aí a dentro uma nortada de gente!... *(Abanando-se, espapada numa cadeira.)* Isto é que foi um dia de calma, hoje!...

O CRIME DE ALDEIA VELHA

RITA

(*Que continua a conversar com Custódia.*) Cá por mim, não me posso queixar: Deus fez-me a grande mercê de só poder gerar homens. (*A bater no ventre, com ambas as mãos:*) Há quem esteja cheia todo o tempo, mesmo até parir, sem saber se aquilo que a ocupa é macho ou fêmea... Pois não foi assim comigo! não senhora: eu nunca me enganei, nunca!: fui sempre capaz de conhecer, logo às primeiras patadas, aqui dentro da minha barriga, a gana dum macho varão! Só filhos! só homens!! (*Exagerada:*) Graças, mil graças ao Altíssimo!

JOANA

(*Mordente, seca.*) A sua cara que o diga, ti'Rita...

RITA

(*Desconcertada.*) A minha...? Mas o que tem a minha cara!?...

JOANA

(*Abruptamente, encolhendo os ombros.*) Ora!...

RITA

(*Picada; em desafio.*) Pois digo e redigo que, nos dias que correm, o pior que pode suceder a uma mãe, é botar cá pra fora uma fêmea!...

ACTO I, CENA IV

JOANA

(Por momentos, trémula, sem falar, fixando intensamente os olhos de Rita; depois, cruel.) É... é por isso mesmo que vossemecê tem a cara que tem: mais mirradinha que a folha do pinho bravo; mais seca que a ribeira verde, agora, de verão!... É por isso, ti'Rita. *(A rir:)* Já repararam que, aqui a ti'Rita, tem cara de homem? Até bigode, até bigode... Ai, vistam-lhe umas calças e um jaleco e verão!... *(Risadas das presentes.)*

RITA

(Ferida.) Nem todas podem ser lindas como tu, Joana... Mas olha que eu também já fui nova: Passou; passou num instante... Ai, menina, não há flor que murche mais depressa, que a cara de uma moça: Casa, casa! e depois então vem falar comigo... Isso é fogaréu de pouca dura, rica filha!: dou-te três anos... nem tanto, nem tanto! Vais ver: apareces aí mais devastadinha, que a terra lavrada! Ai, ai... *(Riso brejeiro das velhas.)*

CUSTÓDIA

E olhem que não lhe faltam rapazes, aqui à Joana!...

FLORINDA

(Bem disposta.) Jesus! é um ror deles... uma procissão, uma procissão! E já que te meteste na roda, sempre te digo, Rita, que um dos mais assanhados é o teu filho Antó-

O CRIME DE ALDEIA VELHA

nio... (*Gesto de Rita.*) Ah, não?! Ah, ti'Zefa! ah, Custódia! ela diz que não... Desde que a Joana veio cá pra casa trabalhar... (*Mudança súbita.*) Vocês bem vêem: eu, sôzinha, não era capaz de limpar esta caseirona... Ih, Santo Nome de Deus, havia aqui esterco, que chegava p'r'adubar uma leira, das grandes!...

ZEFA

Desde que o padre Guilherme morreu, nunca mais ninguém pisou este chão: Há bem vinte anos...

CUSTÓDIA

(*Olhando em redor: certo mal-estar.*) Dizem que... há quem tenha ouvido... eu, cá por mim, nunca! Mas o ti'João Melro jura e trejura que, mais duma vez, noite alta, quando adregava de passar aqui, em frente desta casa... (*benze-se:*) Credo, Jesus Senhor! até se me arrepelam as raízes da alma! E olhem que o ti'João Melro não é homem pra embustices, não senhora!...

ZEFA

Homem sério, homem vergonhoso!

CUSTÓDIA

(*Medo.*) D'z que se ouvia aqui um choro de criancinha, tão claramente como eu agora a ouço a vossemecê, ti'Zefa!...

ACTO I, CENA IV

JOANA

(Sempre a trabalhar: movimento mais brusco.) Dou-dices.

CUSTÓDIA

Há quem pense que eram as almas dos inocentinhos...

ZEFA

Diziam, diziam isso: que Deus condenou Aldeia Velha a pagar, com o sangue dos meninos, os pecados do padre Guilherme... que eram sem conto!

JOANA

(Riso nervoso.) Ora vejam lá?!

ZEFA

Bonda a verdade que eu não me lembro de ver morrer, nesta terra, tanta criança miúda, como naqueles dois anos, antes da morte do padre: Ai, Senhora dos Aflitos, foi uma razia!

RITA

Ficavam-se de repente, mais amarelinhos e escorridos que o mel dos cortiços...

O CRIME DE ALDEIA VELHA

CUSTÓDIA

Nesse tempo, acabou-se o pano preto nas tendas...

ZEFA

O abade era ruim...

CUSTÓDIA

Credo! peste assim...

ZEFA

Amigo do mulherio...

CUSTÓDIA

E da comezaina, ti'Zefa!?

FLORINDA

(*Terna.*) Pois o meu Júlio há-de ser bom e limpinho desses males: há-de ser um bom padrezinho, o meu filho!

ZEFA

Deus te oiça, Florinda!

RITA

(*A olhar intencionalmente, embora com disfarce, para Joana.*) Pois que venha em boa hora: Neste ror de tempo,

ACTO I, CENA IV

o demónio tomou conta desta terra: Aldeia Velha faz juras pelo diabo! É verdade ou mentira? Diz-me cá, Florinda; e tu, Custódia; e vossemecê também, ti'Zefa... digam-me todas: no tempo da nossa mocidade havia, por estes sítios, como há hoje, lobisomens? E bruxas? Quando, em tempo antigo ou novo, houve em Aldeia Velha tanto mau olhado?... (*Intencional:*) É mentira isto, Joana?

JOANA

(*Brava.*) Se vossemecê, com essas, tem o fito de morder na ilharga da minha mãe, que Deus haja... olhe, morda aqui! (*bate, com força, na beirada da mesa.*) Morda aqui, que tira mais resultado!

RITA

(*Sonsa.*) Oh mulher, o que aí vai!!? Jesus! não te amofines assim, olha que...

CENA V

Entra Antônio, pela porta da rua: traz um braçado de foguetes.

JOANA

(Para Rita.) Eu conheço-a, ti'Rita, eu conheço-a muito bem!: Quando vossemecê pega na vida de alguém, faz-lhe o mesmo que a lagarta à couve: deixa-a mais roída, mais destroçadinha...

ANTÔNIO

(A brincar.) Olá!? Então o que é isto? Ainda não dei lume aos foguetes e eles já rebentaram aqui?...

FLORINDA

(Que se levanta logo, ansiosa.) Já lá vem o meu Júlio?...

ANTÔNIO

Não senhora, ti'Florinda: a camioneta traz atraso... Este fogo é pra se deitar, aqui na varanda, mal o seu filho chegue. Dá cá uma ajuda, Margarida... *(Margarida executa, pressurosa: depositam os foguetes na varanda.)*

FLORINDA

Estou a ficar agoniadinha de cuidados: Jesus, esta demora...!?

O CRIME DE ALDEIA VELHA

ANTÓNIO

Pois não tem razões, pra isso: esteja branda, esteja branda, ti'Florinda. (*Alegre.*) Viva o senhor padre Júlio! (*Senta-se.*) A gente os dois somos da mesma criação, ti'Zefa: pintos da mesma ninhada...

RITA

(*Falsa zanga: embevecida.*) Não está mal a ninhada, não senhor!: o Júlio foi sempre um ai-Jesus, um coração-zinho de erva-doce, e tu... Ai, pintos da mesma ninhada! (*Riso escarninho.*) O teu Júlio, Florinda, foi sempre prendado de entendimento: era um gosto ouvi-lo! (*Para António.*) E tu? tu que, pra desgraça minha, és meu filho? Olha, pra burro, só te falta zurrar! Pintos da mesma ninhada...

ANTÓNIO

(*Que graceja.*) És tu quem tem razão, Joana: a minha mãe tem os fígados tão ruins, que os vai deitando cá pra fora, aos bocadinhos, com o cuspo das palavras...

RITA

(*Logo séria.*) Contigo posso eu bem, meu milhafreco de asa curta! olá, se posso!: apanhas-me uma peneirada nesse focinho, que até... Então esta gata brava falta-me ao respeito, aqui à frente de toda a gente, e tu ainda ajudas à missa?!...

ACTO I, CENA V

JOANA

(*Sem levantar os olhos da tarefa.*) Vossemecê quis sujar a memória da minha mãe, que Deus haja, ti'Rita!

RITA

(*Falsa admiração.*) Eu?! Ai, vejam lá! oiçam isto! Eu que...

JOANA

(*Forte.*) Quis!!

RITA

(*Exagerada, meio trocista: falsas reverências.*) Pois peço-te perdão... olha, desculpa-me a ofensa... Ai, que a gente sempre ouve coisas!... Queres que me bote de joelhos, queres? Anda, filha, não tenhas dó: dá-me a penitência!... (*Violência desenfreada.*) Sou então eu que digo isso? fui eu que levantei esse falso testemunho?! Pois pranta-me nos tribunais, rapariga: tens bom remédio! Toda a gente em Aldeia Velha, toda a gente!, dizia que a tua mãe era bruxa, que deitava mau olhado... e então eu é que... Minto? Digam vocês todas que me escutam, digam!?! Até os cães, mais os gatos, até as estrelas do céu, até o vento e a água do rio... sabiam isso! E vens tu agora pra cá dizer-me, a mim, que...

JOANA

(*Indo para Rita.*) Mente! vossemecê mente, com quantos dentes tem nessa boca! Mentira!...

Esta peça, seleccionada para o repertório da época de 1959-60 do Teatro Experimental do Porto, foi estreada no Teatro Nun'Álvares desta cidade, com a seguinte distribuição:

JOANA	Dalila Rocha
PADRE JÚLIO	Baptista Fernandes
FLORINDA	Fernanda de Sousa
ZEFA	Cecília Guimarães
RITA	Cândida Maria
CUSTÓDIA	Nita Mercedes
TERESA	Fernanda Gonçalves
MARGARIDA	Alda Rodrigues
MARIA DA CRUZ	Madalena Braga
PADRE CLÁUDIO	José Silva
ANTÓNIO	José Pina
RUI	Sinde Filipe

Encenação de António Pedro

Cenário de Baptista Fernandes

Os desenhos que ilustram este volume são do pintor Jorge Brandeiro

A maquette do cenário, cuja fotografia aqui reproduzimos, é de Baptista Fernandes

*Este livro, foi realizado pela Atica Limitada,
Rua Alexandre Herculano, 17-A, Lisboa. Aca-
bou de se imprimir durante o mês de Novembro
de 1959, nas Oficinas Gráficas da Editorial
Império, Limitada, Rua do Salitre, 151-155*